

## Maria do Socorro e a luta pelo resgate das sementes crioulas

Quando criança, Maria do Socorro Saraiva trabalhava com as quatro irmãs na roça de seu pai, de onde tiravam o alimento da família. Naquela época, ela observava e aprendia uma tradição seguida, ano após ano, por seu pai: a separação e o armazenamento das sementes da vida, como são chamadas as sementes crioulas no Ceará. O costume de guardar as sementes era tão importante que, ainda menina, ela já entendia que as selecionadas para o plantio não poderiam ser consumidas pela família. "A gente via que todo mundo tinha que tirar aquelas sementes para guardar e, no outro ano, plantar de novo. Não podia comer. Ali já era separado. Até hoje, com 81 anos, se meu pai colher um jerimum, ele tem que tirar a sementinha para secar e guardar", conta Socorro, agricultura familiar da comunidade Várzea Comprida, no município cearense de Caridade.

Por outro lado, o costume não se tratava apenas de separar as sementes e armazená-las de qualquer maneira. Era preciso todo um ritual para mantê-las a salvo dos temidos gorgulhos, que poderiam comprometer a plantação do ano posterior. "Meu pai guardava em uma lata de querosene e tampava com cera de abelha. Uma cera preta. Para nós, ele não falava, mas a gente prestava atenção. Porque se não tampasse bem tampada, se não ficasse bem lacrada, ia criar o gorgulho, e, no outro ano, não ia dar para plantar. Se não tivesse semente, como é que ia plantar?", relembra a filha de seu José Antônio. A menina Socorro nem imaginava que a lição aprendida com seu pai viria a nortear sua trajetória décadas depois. Hoje, ela é vice-coordenadora da Casa de Semente D. Mocinha, inaugurada em 05 de setembro de 2017, na comunidade Várzea Comprida.

Uma após a outra, as filhas de seu José Antônio migraram para São Paulo. Maria do Socorro morou por 30 anos no Sudeste, mas sempre com a ideia fixa de voltar para suas origens. "Eu sempre falava com meu marido. No dia que você se aposentar, nós vamos embora", revela. Passaram-se os anos e dona Socorro não se aquietou até cumprir a promessa. Até hoje, ela foi a única filha que regressou para junto dos pais e abraçou a agricultura familiar como modelo de vida.



Quando a filha pródiga retornou ao seu interior, encontrou uma situação bem diferente daquelas de suas memórias de juventude. Socorro relata que muitos agricultores utilizavam sementes transgênicas, perdendo-se a tradição das sementes crioulas. Apesar disso, ela começou suas primeiras plantações de milho e feijão e uma horta com frutas, hortaliças e ervas medicinais no seu quintal. Dona Socorro logo se interessou quando chegou o convite para o projeto Sementes do Semiárido, coordenado pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e executado na comunidade Várzea Comprida pelo Esplar - Centro de Pesquisa e Assessoria. O projeto promove a construção e a organização de bancos comunitários de sementes crioulas para o plantio.

A Casa de Sementes D. Mocinha foi construída com a ajuda de todos da comunidade e já rendeu uma safra nova de sementes no primeiro ano. Socorro e mais três associados fizeram o empréstimo de sementes e plantaram logo nas primeiras chuvas deste ano. “Na primeira chuva, já deu para plantar. Tem milho, feijão, gergelim, fava. Tirei pouquinhos sementes, mas tirei. Já estão ali guardadinhas para o próximo ano”, conta. Por outro lado, ela acredita que é preciso mais conscientização da comunidade sobre os benefícios das sementes crioulas. “O que eu achei mais interessante foram os insetos, que deram bem menos. Normalmente, quando você planta, vai nascendo e a lagarta já come. E, com as sementes da casa, não. Deu lagarta, mas foi bem menos”, garante.



Além da maior resistência a insetos, as sementes da Casa também são livres de agrotóxicos. Um dos requisitos para participar do projeto é que se usem apenas defensivos naturais e mantenha-se distância mínima de 100 metros de locais que usem agrotóxicos. “As pessoas vão se interessar mais quando virem que a minha plantação deu certo. Tem muita gente que usa veneno. A gente está tentando conscientizar. Eles vendo que dá certo. Não adianta dizer sem mostrar”, afirma Socorro. Enquanto atua como exemplo para a comunidade, dona Socorro busca atingir a meta de suprir as necessidades alimentares da família apenas com o que planta. “O meu projeto mesmo é eu comer só do que eu mesma plantar e colher”, completa.

